

# A INFLUÊNCIA DA PERCEPÇÃO DOS JOVENS SOBRE O MERCADO DE TRABALHO NA ESCOLHA PROFISSIONAL<sup>1</sup>

<sup>1</sup> As autoras agradecem a revisão teórica do texto e as sugestões propostas pelas professoras Edite Krawulski (Departamento de Psicologia – UFSC) e Marilu Lisboa (INSTITUTO DO SER – SP)

<sup>2</sup> Doutorada em psicologia pela Universidade Louis Pasteur – Strasbourg/França. Professora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: dulcepenna@ig.com.br

<sup>3</sup> Psicóloga, graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2001. Estagiária do LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC em 2001. Aluna do curso de Formação em Orientação Profissional do Instituto do Ser – Psicologia e Psicopedagogia. E-mail: giselesestren@hotmail.com

<sup>4</sup> Psicóloga e aluna do curso de Pós-graduação em Gestão Avançada em Recursos Humanos pelo INPG – Instituto Nacional de Pós-Graduação em convênio com a FURB – Fundação Universitária Regional de Blumenau. E-mail: sabinahelke@hotmail.com

DULCE HELENA PENNA SOARES<sup>2</sup>  
GISELE SESTREN<sup>3</sup>  
SABRINA BORGES EHLKE<sup>4</sup>

## Resumo

Na vivência com grupos de Orientação Profissional, chama a atenção a importância dada à questão do mercado de trabalho, por parte dos jovens orientandos. Por diversas vezes esta temática é levantada como assunto de discussão e como a maior preocupação apontada na hora de escolher uma profissão. Esta excessiva importância dada ao mercado de trabalho, muitas vezes, é decisiva na opção profissional. Torna-se, então, importante estudar a preocupação manifestada pelos jovens, já que um dos objetivos do processo de Orientação Profissional é desmistificar as visões do senso comum a respeito das profissões. Para tanto, realizou-se um breve estudo histórico sobre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Além disso, fez-se uma discussão, relacionando o referencial teórico estudado acerca desta temática e as preocupações demonstradas pelos jovens orientandos. Através deste trabalho, constatou-se que, em sua maioria, as visões sobre o mercado de trabalho apresentadas estavam informadas pela subjetividade e pelas influências do meio social em que o jovem está inserido.

## Abstract

In the context of Vocational guidance, the importance given to the issue of the labour market is brought to the fore. This topic is frequently brought up in the discussions about professional life and as the main concern informing the choice

of a future career, in which it tends to become decisive. Thus, it becomes important to study the concern demonstrated by the young, since one of the purposes of Vocational guidance is to demystify the common sense views about professions. To this end, the history of the changes occurring in the world labour was traced. Besides, a discussion was carried out relating the theoretical framework informing the topic to the concerns expressed by the young. This study demonstrated that the views about the labour market were informed by each individual's subjectivity and by the influences of his/her social background.

## Palavras-chave:

Orientação profissional, escolha, mercado de trabalho.

## Key-words:

Vocational guidance, choice, labour market.

## Introdução

Em nossa vivência com os grupos de Orientação Profissional, chamou-nos atenção a importância dada à questão do mercado de trabalho por parte dos jovens orientandos. Por diversas vezes esta temática foi levantada como assunto de discussão e maior preocupação apontada na hora de escolher uma profissão.

A principal motivação na escolha do tema mercado de trabalho para este artigo foi o fato de que, a percepção demonstrada pelos jovens acerca deste assunto era, por muitas vezes, decisiva na sua opção profissional. Observamos que, em sua maioria, as visões apresentadas estavam carregadas de influências e subjetividade, tornando-se parciais, equivocadas ou até mesmo distorcidas da própria realidade ocupacional. Levantamos as influências consideradas mais significativas e que apresentam relações mais próximas da maioria dos jovens orientandos, a saber, familiares, educacionais e as ligadas aos meios de comunicação.

Enquanto orientadoras profissionais sabemos sobre a importância de estarmos sempre atualizadas acerca das profissões e de suas mudanças, as quais observamos estarem cada vez mais constantes e velozes, por inúmeros fatores abordados posteriormente.

Para tanto, realizamos um breve estudo histórico sobre as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, além de um levantamento bibliográfico mais detalhado sobre o que realmente vem a ser o mercado de trabalho, suas principais transformações e suas inter-relações com a escolha e a Orientação Profissional.

Este estudo torna-se relevante na medida em que um dos objetivos do processo de Orientação Profissional é o de desmistificar as visões que o jovem tem a respeito das profissões e do universo ocupacional. Sendo assim, este tipo de estudo é um exercício constante em nossa prática profissional, na busca de informações para atingirmos tal objetivo.

No intuito de enriquecer este artigo, apresentamos ao final alguns exemplos de questões sobre o mercado de trabalho apontadas pelos jovens nos grupos de Orientação Profissional.

## Aspectos históricos sobre o trabalho

O trabalho é tão antigo quanto a existência humana, sendo utilizado, desde a pré-história, para garantir a sobrevivência das pessoas principalmente sob forma de coleta dos produtos oferecidos pela natureza. Com o passar do tempo, essa forma de trabalho foi se diversificando, onde se incorporaram atividades como a caça, a pesca e o pastoreio. Porém, isto somente foi possível na medida em que o homem passou a construir suas próprias ferramentas, viabilizando assim suas tarefas.

Durante a Antigüidade, as principais formas de trabalho passaram a ser a agricultura, o artesanato e atividades liberais ligadas especialmente à comunidade. É válido ressaltar que tais atividades não tinham como objetivo a lucratividade, estando ainda ligadas à subsistência e eram vistas como forma de interação com as divindades, principalmente às ligadas à agricultura (Krawulski, 1998).

É interessante observarmos como a representação do trabalho para as pessoas, já em seus primórdios, estabelecia estreita relação com a questão da religiosidade. Já na Idade Média, com a ascensão da Igreja Católica e sob a influência dela, o trabalho passa a ser percebido como um castigo. Whitaker nos mostra mais claramente como a relação religião-trabalho foi se modificando e sendo esta decisiva na concepção de trabalho através dos tempos.

“Na cosmologia judaico-cristã o trabalho aparece, logo às primeiras páginas da Bíblia, como castigo imposto ao casal primordial pelo pecado de comer uma fruta aparentemente inofensiva... foi necessário reformar a religião, criando-se o protestantismo, um cristianismo modificado, no qual o trabalho deixou de ser castigo e começou a aparecer como virtude e vocação”(1997, p. 17).

Ainda nessa época, o trabalho diversificou-se, passando a ser desenvolvido de maneira significativa quanto ao comércio e ao artesanato. Modificou-se também o caráter dado ao trabalho, considerado como fonte geradora de riquezas.

Posteriormente, com o crescimento das cidades, houve uma diversificação das ocupações, surgindo uma série de novos ofícios para suprir a demanda socialmente estabelecida. A partir deste momento, observa-se também uma organização por parte dos profissionais, visando manter o controle sobre suas transações comerciais.

Krawulski, ao apresentar um apanhado histórico sobre o trabalho, coloca que:

“a partir do século XVI, gradativamente instalou-se a era capitalista, cujos principais requisitos históricos foram a produção de mercadorias e sua circulação intensificada através do comércio. Nesse período, pelo impacto dos acontecimentos, ocorreram também algumas das alterações mais significativas na concepção do trabalho e em suas atividades predominantes” (1998, p. 10).

Outro fato histórico extremamente significativo sobre essa temática foi o surgimento e crescimento da burguesia, já que, com o desenvolvimento de suas atividades, passou a necessitar de mão de obra para garantir a sobrevivência dos seus negócios.

Além disso, com o crescimento acelerado das cidades, o Estado viu-se obrigado a viabilizar uma estrutura mínima que pudesse sustentar tamanha urbanização. Com isso, abriram-se novos postos de trabalho para construir condições básicas de saúde, higiene, habitação, entre outras. Segundo Whitaker (1997), estes dois fatores (ascensão da burguesia e urbanização), foram responsáveis pela criação do mercado de trabalho, viabilizando assim a reprodução do sistema produtivo vigente (capitalista).

Com a Revolução Industrial, podemos assinalar alguns impactos no sistema produtivo, como o surgimento de máquinas para maximizar a produção. Desta forma, o trabalho

“... se tornou gradativamente mais rotineiro e irreflexivo, à medida que o trabalhador, via de regra, passou a executar tarefas parcelares, limitou-se à execução e foi impedido de visualizar o trabalho ou o produto em seu conjunto. Em consequência, modificaram-se não apenas as formas de expressão do trabalho, mas também e principalmente as próprias tendências sociais do homem” (Krawulski, 1998, p. 11).

Desde a Revolução Industrial até os dias de hoje, o trabalho vem se tornando cada vez mais alienante. A princípio, o trabalho visava simplesmente a satisfação das necessidades do homem, passando a ser agora um meio para a satisfação de outras necessidades. Entre elas destaca-se a manutenção do sistema capitalista, da lógica liberal, onde o homem submete-se ao subemprego, trabalhos sem garantias, péssimas condições de trabalho etc. para conseguir obter sua subsistência (Bohoslavsky, 1983).

Sob esta ótica, é importante fazermos uma breve discussão sobre o que vem a ser o trabalho e mais especificamente sobre o mercado de trabalho atualmente. É indispensável que o Orientador Profissional compreenda suas características e transformações para realizar um trabalho eficiente.

## ○ mercado de trabalho e suas transformações

Muitas vezes paramos para nos perguntar: mas afinal, o que realmente é o mercado de trabalho? Se considerarmos que vivemos numa sociedade regida pela lógica capitalista, o trabalho pode ser visto como uma mercadoria, à mercê da lei da oferta e da procura.

Neste sentido, o mercado de trabalho pode ser definido como

“o ‘lugar’ em que se encontram disponíveis as atividades em que contratantes encontram executores para cumprir esses trabalhos, e executores encontram contratantes interessados nos conteúdos de trabalho que são capazes de oferecer” (Oliveira, 1999, p. 25).

O mercado de trabalho, atualmente, pode ser caracterizado por grandes mudanças decorrentes da globalização e dos avanços tecnológicos. Embora tais mudanças já venham acontecendo ao longo dos anos, sua velocidade e proporção estão cada vez mais marcantes.

Segundo Oliveira (1999), dentre estas mudanças podemos abordar algumas tendências e fatores importantes implicadas nesta atual dinâmica:

- *Atividades profissionais tradicionais estão desaparecendo.* Historicamente observamos que algumas profissões surgem e outras desaparecem, dependendo da necessidade social do momento. Porém, com os avanços tecnológicos e uma crise financeira generalizada, as empresas vêm enxugando cada vez mais seu quadro de colaboradores, permanecendo somente aqueles profissionais indispensáveis para a sobrevivência da organização.
- *Atividades profissionais transferem-se do setor industrial para o de serviços.* Esta questão está muito em voga no momento, pois alguns fatores, como a terceirização, estão tornando-se frequentes nos contextos empresariais. A robotização dos processos produtivos nas indústrias faz com que as pessoas acabem por encontrar ocupações no setor de serviços, visto que neste o fator humano é justamente seu diferencial competitivo.
- *Atividades profissionais antes realizadas por homens agora também são executadas por mulheres.* As mulheres vêm, nos últimos anos, ocupando postos de trabalho anteriormente somente ocupados por homens, tornando-se parte fundamental da população economicamente ativa. Apesar disso, há muitas diferenças que permeiam esta questão, pois a mulher ainda é desvalorizada e por vezes até discriminada em ocupações tipicamente masculinas.

- *Mudanças de atividade profissional tornam-se freqüentes.* Muitas pessoas ainda acreditam que, sabendo exercer uma atividade profissional, podem garantir um emprego estável para o resto de suas vidas. Isto não pode mais ser aplicado no mercado atual, dada sua instabilidade. Além disso, o profissional deve ser mais flexível e estar disposto a exercer diferentes atividades.
- *Constante atualização da carreira profissional.* Além dos aspectos anteriormente citados, espera-se que o profissional busque constante atualização e aperfeiçoamento das ferramentas utilizadas nas suas atividades. Este aspecto atualmente é pré-requisito básico para o profissional que deseja manter seu emprego.

Estes e outros fatores, como a urbanização, por exemplo, interferem no mercado de trabalho e acarretam conseqüências preocupantes como baixos salários, demissões em massa, sub emprego, empregos temporários, entre outras, demonstrando a precarização das condições e das relações de trabalho.

Muitas vezes ouvimos, em nosso cotidiano, expressões como reengenharia, reestruturação, enxugamento, reorganização, consolidação que são mecanismos de intervenção no mercado, afim de regulá-lo, diante de transformações tão aceleradas. No entanto, por mais que se tente definir esta situação, é muito difícil controlar os impactos da mesma na vida das pessoas (Bolles, 1998).

Prado Filho vai além na abordagem destas conseqüências, ressaltando o caráter social que acarretam na recodificação dos espaços ocupacionais:

“Cumpre ressaltar que estas transformações não se limitam a alterações nas rotinas e procedimentos característicos destas ocupações, mas implicam ganhos ou perdas de poder e prestígio perante a sociedade, extinguem possibilidades ao mesmo tempo em que criam novas oportunidades, apresentando ainda extensos reflexos em termos econômicos” (1993, p. 113).

Todas essas mudanças observadas atualmente no mercado de trabalho, que geram alterações substanciais nos vínculos das pessoas com o seu trabalho, nos fazem refletir sobre a importância desse tema dentro do processo de Orientação Profissional. Surgem regularmente novas profissões e outras são extintas ou reformuladas; as novas tecnologias, avanços na comunicação, crises econômicas, desemprego e crescente concorrência são questões importantes que também pesam na escolha de uma profissão.

Algumas profissões não chegam a ser extintas, porém sofrem desvalorização com o passar do tempo para suprir as conseqüências das transformações. Com a modernização da sociedade, destacam-se outras profissões, as quais comumente conhecemos como profissões da moda, por exemplo: profissões ligadas à ecologia, ao turismo, à moda etc.

## Trabalho, escolha e orientação profissional

Cabe a nós, orientadores profissionais, alertarmos ao jovem sobre o cenário do mundo do trabalho contemporâneo e conscientizá-lo da importância de escolher uma profissão não levando em conta apenas o mercado de trabalho, mas estimulando sua criatividade para procurar um caminho profissional que responda também aos seus interesses e potencialidades.

Durante o processo de Orientação Profissional devemos investigar, e incentivar o jovem a procurar conhecer, quais profissões estão emergindo diante das necessidades socialmente impostas para suprir aquelas que estão se extinguindo.

É importante trabalharmos com estes fatores, pois atualmente as exigências em relação ao profissional são cada vez maiores. Hoje, apenas um diploma de curso superior não garante mais a tão sonhada estabilidade, tampouco a inserção do profissional no mercado. Espera-se, por exemplo, que o profissional esteja cada vez mais especializado dentro de sua área e, ao mesmo tempo seja um generalista.

“Já não podemos falar em especialização, como a forma de se conhecer muito sobre pouco. Especializar-se, em muitas áreas, é, hoje, ampliar o espectro de conhecimentos que os cursos superiores consideram periféricos, de forma a que o indivíduo se tome um profissional flexível, empreendedor, inovador, capaz de exercer múltiplas tarefas e que tenha sensibilidade aos problemas e intuição! É o super-homem do mercado de trabalho de aqui para frente. O conceito de analfabetismo estende-se aos que desconhecem procedimentos informatizados” (Lassance, 1997, p. 76).

Assim, dentro de tantas diversidades e questões por vezes tão complexas e dinâmicas, está inserido o jovem, público alvo do processo de escolha, no caso de nossa atividade enquanto orientadoras profissionais. Sabemos ainda que vários fatores podem influenciar nesta escolha por uma determinada profissão. Alguns destes podem ser sociais, familiares, religiosos, entre outros. O agrupamento apresentado por Bock (1995) em quatro categorias facilita-nos a compreensão, porém a autora ressalta sua constante interação, pois o quadro geral de escolha profissional acaba sendo sempre uma combinação destes grupos de fatores.

□ *Características da profissão*: cada profissão ou atividade é única, possuindo suas singularidades e aspectos que as diferenciam das demais. Nenhum trabalho é igual a outro. Por este motivo as características referentes a cada um destes são passíveis de escolhas.

□ *Mercado de trabalho*: ouvimos dizer: “o mercado de trabalho está saturado para tal profissão”, “o mercado de trabalho está requisitando determinados tipos de profissionais”. Esta mudança constante do mercado de trabalho pode determinar a escolha de certas pessoas que por vezes escolhem determinada área,

pois nela terá mais oportunidade de se inserir no mercado do que se escolhesse outra. Esta é uma realidade dura e sofre mudanças constantemente. Então, uma área que hoje procura por profissionais daqui a um ano já pode estar saturada; e outra saturada, daqui a alguns anos estará a procura de pessoas qualificadas para o trabalho.

□ *Importância social e remuneração*: as pessoas normalmente procuram profissões que possuam certo reconhecimento perante a sociedade e mesmo perante elas mesmas. Isto pode variar de pessoa para pessoa, de classe social para classe social. De qualquer forma, profissões como médico ou advogado (“doutores”) estarão sempre entre as de maior prestígio e importância social, seja qual for a classe social ou a educação do sujeito. Da mesma maneira, a remuneração, ao que podemos observar na prática, é um dos principais quesitos na escolha por uma profissão, ou melhor, atividade. Por mais que um trabalho seja reconhecido, se a remuneração não for compatível as pessoas dificilmente aceitam a vaga, preferindo esperar oportunidades melhores mesmo que em outro trabalho nem tanto desejado.

□ *Habilidades necessárias para o desempenho*: são competências exigidas dentro de cada área de atuação. Este ponto torna-se relevante na medida em que muitas vezes a pessoa que escolhe uma profissão não tem claro todos os aspectos envolvidos. Ao escolher deve saber o que quer e se identificar com aquilo que vai fazer; deve sempre procurar se informar e estudar, aprimorando seu conhecimento em relação ao trabalho que deseja realizar.

É importante trabalhar, junto aos jovens, no sentido de ampliar suas percepções limitadas acerca das profissões que, muitas vezes, podem atrapalhar na hora da escolha. Somente conhecendo melhor o que vem a ser o mercado de trabalho, suas transformações, suas principais tendências, os fatores presente no momento da escolha, entre outros aspectos, será possível exercer o papel de facilitadores, atingindo o objetivo de desmistificar visões idealizadas.

## Percepções sobre o mercado de trabalho

As principais informações, obtidas pelos jovens acerca das profissões e das atividades referentes a elas, são realizadas através da escola, dos meios de comunicação, destacando-se a televisão, e as relações familiares. As representações são constituídas através da interação com o meio, e sendo ela deficiente e parcial leva os jovens a terem uma visão a respeito do mercado de trabalho relativamente restrita, revelando-se insuficiente para subsidiar sua decisão.

“Usualmente los jóvenes poseen una determinada visión del mercado basada en la información que obtienen a través de sus redes de vínculos y de sus grupos de pares. Se trata – y sobre todo en sectores de bajos recursos – de representaciones parciales, muchas veces cargadas de subjetividad, que comprenden uno dos ramos de actividad” (Berruti; Bengoa, 1996, p. 39).

Em nossa experiência com os grupos de Orientação Profissional, pudemos identificar as percepções parciais dos jovens acerca do mundo do trabalho. Percebemos também uma certa confusão entre espaço no mercado de trabalho (demanda de profissionais numa determinada área) e possibilidades de atuação profissional (diferentes formas de inserção dentro de uma mesma profissão), como exemplifica o seguinte depoimento:

“Até tenho interesse, mas não faria Sociologia porque neste tipo de curso não há mercado de trabalho. Você só pode ser professor e, se der sorte, presidente da república” (S., 16 anos).

Quando falamos das possibilidades de atuação em uma profissão ou uma atividade, são colocados em jogo representações e modelos culturais que, além de dados objetivos, agregam valor. Pode-se notar que é dado valor a uma ocupação, a partir do momento que esta tem funcionalidade, principalmente dentro do círculo familiar.

No tocante às influências exercidas pelas redes de vínculos mais próximos, dentro das representações podemos ressaltar o caso de Mo. (16 anos):

“Meu pai gostaria que eu estudasse qualquer coisa relacionada com as Engenharias de Produção. Ele diz que esta é a profissão do futuro, que este tipo de ramo abrirá cada vez mais vagas no mercado daqui para frente”.

Diferentemente desse caso, experiências desfavoráveis em relação a aspectos profissionais também exercem significativa influência na representação formada, como podemos observar no caso de G. (16 anos):

“Meu pai diz que a gente deve fazer primeiro uma faculdade que possa dar um bom retorno financeiro depois de formado, e só depois disso fazer aquilo que realmente gosta. Meu pai fez primeiro o que gostava e não adiantou nada, porque não tinha mercado. Hoje ele faz uma outra faculdade que tem maiores chances de trabalho e retorno financeiro. Por tudo isso é que ele me aconselha a fazer o inverso”.

Ainda podemos destacar, dentro das influências familiares, a questão do status profissional. Observamos que, muitas vezes, há uma falsa relação entre este status com a certeza de inserção no mercado trabalho, especialmente daqueles cursos mais tradicionais como Medicina, Direito e Engenharia, dentre outros.

“Meus pais sempre quiseram que eu fizesse Medicina, mas quando disse que queria Diplomacia não ficaram chateados, pois sabem que, mesmo que eu não passe na prova do Instituto Rio Branco, vou ter um bom emprego depois de formado” (JE, 17 anos).

A mídia é outro fator de destaque no que tange às percepções parciais acerca das profissões. Os modelos apresentados, especialmente pela televisão, são extremamente idealizados, mostrando somente “o lado bom” das profissões e geralmente omitindo as dificuldades e adversidades que permeiam o seu exercício.

Difícilmente é mostrada, por exemplo, a forma como o desemprego vem atingindo também profissionais com nível superior. A idéia de desempregado passada pela opinião pública é a de uma pessoa sem estudo, classe social mais baixa e que muitas vezes não apresenta real interesse em trabalhar, embora este estereótipo vem sendo quebrado lentamente.

A divulgação do uso da tecnologia também é passada de forma estereotipada, como se a tecnologia trabalhasse por si só e o profissional desta área não tivesse que trabalhar tão arduamente como qualquer outro.

“Se fosse Engenheiro Eletricista trabalharia na Sony desenvolvendo novos jogos de vídeo game. Poderia trabalhar de bermuda e chinelo e ficaria jogando o dia inteiro. Ganharia muito dinheiro para isto e não seria demitido, pois seria o melhor no meu trabalho” (Da. 16 anos).

Neste contexto, pode-se dizer que a escola é omissa, no sentido de não abordar assuntos relativos a esta questão. Apesar de os professores estarem em contato diariamente com os alunos podemos acreditar, baseadas nos depoimentos dos próprios orientandos, que pouco discutem acerca da informação profissional. Geralmente a ênfase dada é somente para que o aluno passe no vestibular (especialmente para os cursos mais concorridos), sem preocupar-se com a visão e o conhecimento que a pessoa tenha da profissão.

“Assim, observa-se uma cultura acadêmica entre os alunos, na qual espera-se que todas as coisas sejam ensinadas, sejam ditas, tenham um lugar concreto no ensino. A capacidade de transferência de aprendizagem tem sido massacrada nas escolas, desde o 1º. Grau, com sua culminância no ensino, ou melhor, treinamento, nos cursos pré-vestibulares. Aqui, sensibilidade aos problemas, generalização, fluidez são competências cognitivas desprezadas e de difícil recuperação” (Lassance, 1997, p. 78).

Já é bastante discutida a questão da falta de conexão entre os conteúdos escolares e profissionais e a prática ou as atividades profissionais. Isto muitas vezes propicia a falsa associação entre os interesses pessoais e o que as faculdades oferecem, ou teoricamente, poderiam contemplá-los.

“Acho que vou fazer Computação, pois adoro ficar mexendo no computador. Todo mundo diz que devo fazer isso, pois fico horas seguidas na frente do computador” (Da. 16 anos).

É importante ressaltar, neste caso, que estas atividades estavam necessariamente relacionadas a jogos e conversas virtuais com amigos distantes.

Além disso, conforme afirma Whitaker (1997), o jovem geralmente tem uma visão equivocada sobre a formação proporcionada pela universidade, geralmente vista como profissionalizante para o mercado de trabalho, esquecendo-se do caráter de pesquisa e construção de conhecimento da mesma.

Ao contrário do que o jovem pensa, a universidade não oferece um “guia básico” de como exercer determinada profissão. Igualmente à escola, percebemos que a universidade também apresenta seus conteúdos de maneira fragmentada e muitas vezes distante da realidade do mercado.

Pesquisa realizada por Lassance (1997) destaca alguns fatores responsáveis pelo afastamento da universidade e do mercado de trabalho:

- as disciplinas em geral são restritas às especialidades acadêmicas de seus professores. Estes, em sua maioria, não mantêm atividades práticas além do magistério e projetos de pesquisa, o que muitas vezes os desvincula da realidade do mercado de trabalho;
- geralmente, o único meio de inserção do universitário no mercado de trabalho é através dos estágios que, em muitos casos estão desvinculados do conhecimento teórico adquirido;
- a participação em atividades acadêmicas é fundamental para que se estabeleça a ponte com o mercado, porém as suas possibilidades são muito restritas.

O alto índice de desistência nos cursos universitários demonstra em grande proporção a visão equivocada do jovem em relação ao que encontrará na universidade. Outro fator que associamos a este problema, através da nossa vivência com os grupos de Orientação Profissional, é a ênfase dada ao exercício profissional, esquecendo-se de pensar a respeito dos conteúdos que irão encontrar no decorrer dos cursos.

“Vou prestar vestibular pra Direito, pois pretendo seguir carreira diplomática e este curso é o mais valorizado pelo Instituto Rio Branco. Caso não passe nesta prova, pretendo fazer um concurso público, pois na verdade o Direito por si só não me interessa” (S. 16 anos).

“Tinha pensado em ser Engenheira Química, mas depois que vi o currículo do curso eu desisti. Apesar de eu achar uma profissão legal, quando eu vi tanta matéria de matemática eu desisti na hora” (Mo. 16 anos).

Considerando as relações em que o jovem está inserido, não podemos afirmar que suas percepções sobre o mercado de trabalho são “erradas” pois são estas as possíveis em seu momento. A Orientação Profissional é um processo que pode ampliar a visão do jovem acerca das profissões, geralmente tão abstratas, idealizadas e influenciadas por terceiros (pais, amigos etc).

Diante de tantos estereótipos, preconceitos e distorções trazidos pelo jovem em suas representações referentes ao mundo do trabalho, destacamos mais uma vez a importância da informação sobre as formas de atuação e suas possibilidades de

inserção. Entretanto, cabe a nós alertarmos os jovens para que não esperem obter estas informações no seu restrito círculo de relações. Deve partir deles a iniciativa de procurá-las e, se possível, até mesmo buscar vivenciar a atuação profissional da sua área de interesse através de um estágio ou acompanhando um profissional.

Por outro lado, é de suma importância que nós, orientadores profissionais, estejamos atentos tanto para as percepções equivocadas como para a real situação do mercado de trabalho. Somente desta forma estaremos instrumentalizados o suficiente para tentar desmistificar o ideal que o jovem tem sobre as profissões e auxiliá-lo a fazer uma escolha mais consciente.

## Considerações Finais

Através da pesquisa bibliográfica, tentamos retratar os principais aspectos que se inter-relacionam com a escolha profissional. Os pontos aqui abordados são voltados para instrumentalizar os orientadores profissionais, pois, conhecendo as tendências e transformações do mercado de trabalho, fica mais fácil para estes profissionais identificar as percepções demonstradas pelos jovens. Cabe ressaltar que, dentro da nossa perspectiva de trabalho, o papel do orientador profissional não é o de dizer o que é certo e o que é errado, mas, sim, levar o próprio jovem se dar conta dos fatores que podem influenciar a sua escolha como um todo.

Sendo assim, a Orientação Profissional viria auxiliar o jovem a fazer uma escolha mais consciente, refletindo sobre suas responsabilidades nesta escolha, desmistificando algumas idéias, estereótipos e preconceitos a respeito das profissões e tomando conhecimento sobre este universo.

“É indispensável, portanto, que os profissionais de Orientação Profissional estejam sintonizados com este fluxo de recodificação dos espaços ocupacionais, acompanhando as mudanças contínuas no mundo do trabalho, informando a clientela e propondo a reflexão sobre a postura a ser assumida, no momento da escolha profissional quanto ao que se busca e se espera do mundo do trabalho, num processo ativo de construção da identidade profissional” (Krawulski, 1998, p. 18).

Durante o processo de Orientação Profissional deve ser desenvolvida a criatividade do jovem a fim de que ele busque um caminho profissional envolvendo tanto suas potencialidades quanto as necessidades de trabalho demandadas pela sociedade. Devemos alertar que o mercado de trabalho não é tudo, pois numa sociedade capitalista/consumista os jovens poderão tornar-se apenas mão-de-obra fragmentada ou burocratizada, impedindo-os de alcançar realização pessoal e profissional na atividade escolhida.

No entanto, sentimos muita falta, em nossa prática, de recursos técnicos no tocante à informação profissional. Atualmente dispomos de poucos materiais que tratam das profissões de forma abrangente e condizente com a realidade do mercado ocupacional. Esta falta de recursos prejudica em muitos momentos

nosso trabalho, porém não o invalida, pois deve haver um esforço por parte dos orientadores para que seja suprida esta necessidade. As constatações observadas nesse artigo devem servir para estimular a construção de novas ferramentas de trabalho de Orientação Profissional.

## Referências

- Anais do III Simpósio Brasileiro de Orientadores Profissionais.** Realizado na Universidade Luterana Brasileira. Canoas, 1997.
- Anais do III Encontro da ABOP/SC.** Realizado na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.
- BOCK, A. M. B. **A Escolha Profissional em Questão.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- BOHOSLAVSKY, R. **Vocacional: teoria, técnica e ideologia.** São Paulo: Cortez, 1983.
- BOLLES, R. N. **Qual a cor do seu pára-quadras: como conseguir um emprego e descobrir a profissão dos seus sonhos.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.
- KRAWULSKI, E. A Orientação Profissional e o significado do trabalho. In: **Revista da ABOP**, v. 2, n. 1, 1998. Florianópolis: Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, 1998.
- LASSANCE, M. C. P. A Orientação Profissional e a Globalização da Economia. In: **Revista da ABOP**, v. 1, n. 1, 1997. Porto Alegre: Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, 1997.
- MACEDO, R. **Seu diploma, sua prancha: como escolher a profissão e surfar no mercado de trabalho.** São Paulo: Saraiva, 1998.
- OLIVEIRA, M. A. **E Agora José?: guia para quem quer buscar emprego, mudar de trabalho, montar um negócio ou repensar sua carreira.** São Paulo: SENAC, 1999.
- BERRUTI ; BENGGOA. **Orientación ocupacional de jóvenes – Guía para Educadores.** Programa Formación Profesional. Foro Juvenil. CINTEFOR/OIT. INJU, 1996.
- LISBOA, M. D.; SOARES, D. H. P. **Orientação Profissional em ação.** São Paulo: Summus, 2000.
- PIMENTA, S. G. **Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.
- PRADO FILHO, K. Escolha Profissional e a atualidade do Mercado de Trabalho. In: **Pensando e vivendo a Orientação Profissional.** São Paulo: Summus, 1993.
- Revista da ABOP.** Florianópolis: Associação Brasileira dos Orientadores Profissionais. v. 2 n. 2, 1998.
- SCHWARTZ, G. **As Profissões do Futuro.** São Paulo: Publifolha, 2000.
- SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto.** São Paulo: Ed. Summus, 2002.
- WHITAKER, D. **Escolha da carreira e globalização.** 11. ed. São Paulo: Moderna, 1997.